

CAMINHOGRAFIA URBANA: PROCESSO DE PESQUISA

ALINE NASCIMENTO DOS SANTOS¹; ALISSA XAVIER ALVES²;
EDUARDO SILVA DA SILVA³; PAULA PEDREIRA DEL FIOLE⁴;
TAÍS BELTRAME DOS SANTOS⁵; EDUARDO ROCHA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – aline008santos@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alissaalves@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – duardsv@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – delfiolpaula@gmail.com

⁵Universidade Federal do Rio Grande do Sul – tais.beltrame@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Projeto de pesquisa que pretende fundar a prática da “caminhografia urbana”, financiado pela FAPERGS (edital pesquisador gaúcho), CNPq (edital bolsas Pq) e CAPES (edital bolsas CAPES), a partir da reunião das teorias do caminhar, baseada em estudos de Francesco Careri e; da cartografia, com origem na filosofia da diferença deleuze-guattariana.

A “caminhografia urbana” vem sendo aplicada pelo Grupo de pesquisa CNPq: Cidade+Contemporaneidade, que há mais de uma década, potencializa e intensifica a experiência corpóreo-urbana, criando pistas e novas soluções de planejamento/projeto urbano, relacionados com modos de vida silenciados e resistentes, tão indizíveis em nossas cidades na contemporaneidade. Os procedimentos metodológicos envolvem três movimentos: Ano 1 – encontrar (2021), Ano 2 – experimentar (2022) e Ano 3 – escrever (2023). Como resultados, foram descobertas a partir do projeto três nuances: registrar, jogar e criar, além de potencialidades e pistas para a prática de transcrição na caminhografia urbana.

O objetivo geral é dar consistência teórica a prática da “caminhografia urbana”, a fim de fomentar pistas aos pesquisadores para uso do método em suas pesquisas e modos de vida. A Cartografia e o Caminhar como “novas” concepções teóricas e práticas emergentes para a experiência e o sentir as cidades na contemporaneidade a fim de intervir, projetar, potencializar, resistir, transformar, criando novas formas de viver a/na cidade, conformando aqui o que denominamos de “Caminhografia Urbana”.

2. METODOLOGIA

A pesquisa tem como princípio (método) a cartografia urbana, através das práticas de mapear, desenhar, fotografar, filmar, narrar e conversar a cidade na cidade. Pensando nos lugares como produtores de subjetividade – na relação espaço-corpo –, sempre no (em) processo. As cidades, escreve Guattari, “são imensas máquinas produtoras de subjetividade individual e coletiva” (1991, p. 172). As experiências urbanas (materiais e imateriais) participam da composição da experiência humana sob os mais variados aspectos, na cartografia enquanto processo (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Os contatos humanos com os parques, praças, ruas e vazios podem cada um a seu modo e de diferentes maneiras, interpelar os cidadãos gerando experiências subjetivas. Portanto, cartografar os territórios (zonas de experiência) na cidade é dar dizibilidade (DERRIDA, 1979) aos lugares onde se expressa materialmente a multiplicidade do ser humano.

Caminhar, dentro da metodologia proposta é, explorar a cidade com o corpo atento, a partir de um deslocamento da experiência, registrando qualquer afecto que peça passagem, que provoque o pensamento.

Caminhar como prática social e estética (CARERI, 2014); percorrer a cidade como método de ler a cidade; caminhar como dispositivo de apropriação, de criação de significado espacial, de lugar, de atenção. Caminhar errando, derivando, performando. Caminhar com objetivo ou caminhar para encontrar, para se perder, para (re)significar (ROCHA; PAESE, 2019). Caminhamos pelo desconhecido, como um jogo que encaramos para uma desterritorialização, uma criação, um deslocamento. Andamos em busca de uma exploração curiosa, um jogo-urbano, por vezes criando situações e ditando regras que guiam o olhar e desvelar algo que é esmaecido pelo caos, pela profusão dinâmica das ruas. Brincamos pela cidade, assim como a proposta situacionista (JACQUES, 2012), intervindo e movimentando o pensamento e o discurso que nos transforma em investigadores da contemporaneidade (BONDÍA, 2002).

A análise que permeia todos os processos tem como principal pressuposto o agenciamento de heterogêneos – mapear e andar, caminhar e cartografar. Heterogêneos compostos pela experiência da “caminhografia urbana” e todas as outras forças potentes que atravessem o nosso plano e processos de pesquisa com cidade na contemporaneidade. Agenciamento muito próximo a análise de conteúdo, de conteúdos de diferentes cepas e origens, mas que no cruzamento produzem conceitos e novas composições acerca da “caminhografia urbana”.

Como produção final, pretende-se produzir pistas (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009), sobre a “caminhografia urbana”, elencando alguns conceitos, na coexistência da materialidade e imaterialidade, das políticas públicas e modos de vida nas cidades, elencando pistas para a replicação da metodologia no âmbito acadêmico e institucional, com vistas à aplicação em políticas públicas e projetos e planejamento urbanos e regionais diversos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro ano (encontrar – 2021) foram feitas revisões bibliográficas em relatórios de pesquisa, elaboração do website, entrevistas com referentes, publicações em eventos nacionais e internacionais, periódicos acadêmicos e reuniões de pesquisa. Durante esse primeiro ano foi realizado o evento online “Conversas sobre Caminhografia Urbana”, onde foram ouvidos 25 pesquisadores de todo Brasil e exterior, sobre suas pesquisas com a temática do caminhar e/ou cartografar. Essas conversas foram gravadas e disponibilizadas no youtube, depois foram transcritas e analisadas (<https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>).

No segundo ano (experimental – 2022) foram realizadas diversas experiências na prática do caminhografia urbana. No curso de graduação de Arquitetura e Urbanismo, nas disciplinas de “Teoria e História I” e “Projeto de Arquitetura V”; junto ao projeto de extensão “FAUrb no Bairro”; no ensino da pós-graduação: disciplina de “Caminhografia Urbana” (Fig.1) e; em oficinas: “Arquisur 2022/Porto Alegre”, nos “50 anos da FAUrb/UFPe/Pelotas” e no “V Fórum de Arquitetura e Urbanismo/Santa Maria”. Também foram ministradas aulas e palestras sobre caminhografia urbana para a disciplina de “Cidade, Arquitetura e uso público do espaço” FAU/Mackenzie, a Diplomatura Interdisciplinaria Internacional Prácticas cartográficas en América Latina, o Grupo

SEL/UFRJ e a disciplina "Cartografias: tecnopolíticas e geopoéticas" USP/São Carlos. Ao final deste ano foi possível pensarmos a caminhografia urbana em três movimentos: registrar, jogar e criar. Com isso conseguimos lançar as pistas para a caminhografia urbana.

No terceiro e último ano da pesquisa (escrever – 2023) alguns artigos estão sendo finalizados e outros estão em fase de publicações. Com as transcrições do evento "Conversas sobre Caminhografia Urbana", está sendo finalizado um *e-book* sobre as ideias e conexões lançadas nas 25 conversas. A caminhografia foi ampliada e experimentada em 8 dissertações de mestrado concluídas e 3 em andamento.

Até o momento, os principais resultados da pesquisa estão relacionados a três questões: sobre os deslocamentos, sobre os procedimentos e sobre a transcrição.

Sobre os deslocamentos, destacamos a importância dos deslocamentos dos pesquisadores e academia, do corpo-biológico ou mesmo do corpo-organismo, para o funcionamento do corpo-cidade, in loco e na escala 1x1.

Sobre os procedimentos, descobrimos uma escala de captura da experiência em três escalas intercambiáveis entre si: os registros (desenhos, fotografias, vídeos, anotações, etc.) relacionados ao próprio corpo; os jogos quando interagimos com os outros ou com a organização dos lugares caminhados, relacionado aos outros; as criações, quando é possível modificar a organização dos lugares por intervenções físicas ou psíquicas, sempre em colaboração e alteridade.

Por fim, ressaltamos a ideia de transcrição, vem sendo pensada na atividade de caminhografia urbana, a partir da ideia de tradução adaptativa e criativa dos lugares ou de uma língua para outra.



Figura 1 - Atividades de caminhografia urbana no centro da cidade de Pelotas.
Fonte: acervo da pesquisa, 2022.

4. CONCLUSÕES

Podemos concluir que a "caminhografia" atua como uma prática de resistência e criação, escapando das normas sociais estabelecidas. Os "caminhógrafos" exploram o espaço urbano de maneira ativa e criativa,

promovendo novas formas de organização social, política e cultural. A escrita coletiva é o meio para expressar as experiências vivenciadas durante as caminhadas, enquanto a transcrição (CORAZZA, 2015) valoriza a fluidez inventiva. Essa diversidade de abordagens conecta-se com a cidade e suas pessoas, resultando na produção de subjetividades diversas. A "caminhografia" é um processo dinâmico e essencial para a transformação do espaço urbano. Em resumo, caminhar, registrar, jogar e criar possibilitam explorar a cidade de maneira coletiva e subjetiva, habitando a vida em sua dimensão sensível e sensível à subjetividade humana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>
- CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.
- CORAZZA, S. M. Didática da tradução, transcrição do currículo (uma escrita da diferença). **Pro-Posições**, v. 26, n. 1 (76), p. 105-122, jan./abr. 2015.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 1)*. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DERRIDA, J. **Escritura e Diferença**. São Paulo, Perspectiva, 1979.
- GUATTARI F. **As três ecologias**. São Paulo: Papirus, 1991.
- JACQUES, P. B. **Elogio aos Errantes**. Salvador: UFBA, 2012.
- PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L.(Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.
- ROCHA, E.; PAESE, C. Editorial: Caminhografia Urbana, n.11. **PIXO - revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade**, n.11, v.3. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/issue/view/115>